

DÍVIDA EXTERNA

EUA consultam bancos sobre mudança na negociação

EDGARDO COSTA REIS
Correspondente

WASHINGTON — O Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, reuniu ontem os Presidentes dos maiores bancos do país, para discutir novas condições de renegociação da dívida externa dos países em desenvolvimento. Segundo um banqueiro americano, a iniciativa marca “uma mudança fundamental” na posição americana sobre o assunto.

O encontro se realizou às vésperas da viagem de Baker a Seul, Coréia do Sul, para participar da assembléia anual conjunta do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird). Acredita-se que, nessa reunião, os Estados Unidos proporão critérios mais políticos para a renegociação, alterando a abordagem apenas técnica do problema, empregada até agora.

Essa nova estratégia daria mais ênfase aos programas de reajuste que não trouxessem recessão, ou, na definição de um banqueiro, se basearia “em mais crescimento e menos austeridade”. Os credores ressaltam, porém, que as mudanças devem ser vistas cautelosamente. Segundo eles, isso não significa, por exemplo, que se estejam estudando novas fórmulas para o pagamento dos juros ou que se vá abrir mão dos programas recomendados pelo FMI.

— É apenas um movimento em direção à politização da dívida, mas não completamente. Os países continuarão a gritar, mas não haverá

reação daqui.

Esse novo enfoque daria ao Banco Mundial (Bird) papel mais relevante na questão da dívida. A instituição passaria a atuar em cooperação com o FMI, que até agora tem concentrado toda a iniciativa da renegociação.

— Eles (o Governo americano) querem que o Banco Mundial tenha o papel central. A entidade ficaria no assento do motorista, enquanto o Fundo continuaria no banco da frente, mas na posição de passageiro — explicou um dos banqueiros presentes ao encontro com Baker.

A mudança na participação do Bird, discutida há algum tempo, continua, porém, esbarrando na oposição de seus principais contribuintes, entre eles os Estados Unidos, a um aumento dos recursos da instituição. Os empréstimos do Banco Mundial diminuíram no último ano fiscal.

Segundo fontes financeiras, o México poderia provocar o primeiro sinal concreto de politização da renegociação da dívida. O país está praticamente em “inadimplência técnica”, por não ter pago US\$ 950 milhões que venceram, ontem, referentes a uma parcela do serviço dos US\$ 49 bilhões renegociados em base multianual com os bancos.

— É uma situação extremamente perigosa. Imagine se algum banco pequeno resolver declarar a inadimplência do país. Embora eu ache que, na verdade, isso é difícil de acontecer — comentou o representante de um dos dez maiores bancos americanos.